

UM INTELLECTUAL ESQUECIDO: PRÁTICAS DE LEITURA DE FRANCISCO LINS

A FORGOTTEN INTELLECTUAL: FRANCISCO LINS'S READING PRACTICES

UN INTELLECTUAL OLVIDADO: PRÁCTICAS DE LECTURA DE FRANCISCO LINS

Daise Silva dos Santos¹

Resumo: Apresentar alguns indícios sobre as práticas de leitura do professor, jornalista e poeta mineiro Francisco Lins (1866-1933) é o objetivo deste artigo. Apesar de todo o esquecimento que para hoje sobre o nome desse intelectual, houve um tempo em que ele foi bastante lido por muitos dos que folheavam os grandes periódicos do final do século XIX e início do século XX. Sejam por suas poesias, crônicas, cartas ou traduções, Francisco Lins fez nome na imprensa e nas letras, por vezes assinando com diferentes pseudônimos. Foi membro fundador da Academia Mineira de Letras (AML) e publicou livros, em sua maioria de poesias. No campo da educação, assumiu diversos cargos e por duas vezes foi enviado em comissão de viagem à Europa para estudar novos modelos e métodos educativos. A partir de indícios deixados em seus textos, como nas críticas literárias de sua autoria publicadas nos jornais e outras fontes que nos permitem conhecer mais sobre esse intelectual, buscamos apresentar suas preferências de leitura. Para tanto, recorreremos aos estudos de Chartier (1990; 1995; 1998), entre outros autores que pesquisam os livros e a leitura. Entendemos que com isso, além de lançar luz sobre esse importante acadêmico já esquecido, contribuimos para os estudos dos intelectuais e das práticas letradas.

Palavras-chave: Biografia; práticas de leitura; viagens pedagógicas.

Abstract: This article aims to present some indications about the reading practices of the teacher, journalist and poet from Minas Gerais, Francisco Lins (1866-1933). Despite all the current forgetfulness over the name of this intellectual, there was a time when he was widely read by many people who browsed the great periodicals of the late nineteenth and early twentieth centuries. Whether through his poetry, chronicles, letters or translations, Francisco Lins made a name for himself in the press and in the Arts, sometimes signing with different pseudonyms. He was a founding member of the Academia Mineira de Letras (AML) and published books, mostly poetry ones. He held several positions in the educational field and was twice sent on travel commissions to Europe in order to study new models and educational methods. Based on clues left in his texts, such as in his literary criticisms published in the newspapers and in other sources that allow us to know more about this intellectual man, we sought to present his reading preferences. For that, we resorted to Chartier's studies (1990; 1995; 1998), among other authors who research books and reading. We understand that with this, in addition to shedding light on this important and already forgotten academic man, I contribute to the studies of intellectuals and literate practices.

Keywords: Biography; reading practices; educational trips.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar algunas indicaciones sobre las prácticas de la lectura del profesor, periodista y poeta de Minas Gerais, Francisco Lins (1866-1933). A pesar de todo el olvido que hoy existe sobre el nombre de este intelectual, hubo una época en la que fue muy leído por muchos que solían hojear los grandes periódicos de finales del siglo XIX y principios del siglo XX. Ya sea a través de su poesía, crónicas, cartas o traducciones, Francisco Lins se hizo un

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ).

nombre en la prensa y en las letras, firmando en ocasiones con diferentes seudónimos. Fue miembro fundador de la Academia Mineira de Letras (AML) y publicó libros, en su mayoría de poesía. En el campo de la educación, ocupó varios cargos y fue enviado dos veces en comisiones de viajes a Europa para estudiar nuevos modelos y métodos educativos. A partir de los indicios dejados en sus textos, como sus críticas literarias publicadas en periódicos y otras fuentes que nos permiten conocer más acerca de este intelectual, pretendemos presentar sus preferencias de lectura. Para eso, recurrimos a los estudios de Chartier (1990; 1995; 1998), entre otros autores que investigan los libros y la lectura. Entendemos que con esto, además de arrojar luz sobre este importante y ya olvidado académico, contribuimos al estudio de los intelectuales y de las prácticas letradas.

Palabras clave: Biografía; prácticas de lectura; viajes educativos.

Introdução

Apresentar alguns indícios sobre as práticas de leitura do intelectual Francisco Lins é o objetivo deste artigo. O professor, jornalista e cronista mineiro Francisco Lins, embora seja hoje completamente desconhecido, outrora desempenhou diversas atividades de destaque público, principalmente, nos jornais mineiros.

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa que realizei no âmbito do mestrado e que originou a Dissertação “*Mais do que ler mil livros: os significados da viagem à Europa na trajetória de Francisco Lins (1911-1917)*”². O título faz referência a uma frase na qual o intelectual afirmava que “viajando mil vezes mais aprende o homem do que lendo mil livros” (LINS, 1930, p. 4). A partir desta, interrogué-me sobre os significados das viagens em sua vida a ponto de considerar essas uma experiência superior à dos livros. Entendi que naquele momento o intelectual apenas queria destacar suas experiências de viagem, pois sua vida foi significativamente modificada por duas experiências de viagem comissionada à Europa.

Assim, neste artigo, por outro lado, busco compreender a relação desse intelectual com a leitura. A falta de documentos pessoais de Francisco Lins, contudo, não permitem conhecer sua biblioteca particular, nem detalhes sobre sua formação como leitor. Contudo, a partir de uma diversidade de fontes que apresentam indícios da vida desse intelectual, é possível indicar seu gosto pelos livros e suas preferências.

Para tanto, utilizo como fonte privilegiada neste artigo algumas de suas crônicas e busco apresentar suas práticas de leitura. Conforme Chalhoub, Neves e Pereira (2005), embora que ainda que em processo de consolidação até as primeiras décadas do século XX, as crônicas possuíam especificidades, eram escritas com leveza para atrair o leitor, não buscavam espelhar uma realidade, apenas analisá-la e transformá-la (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005). Atingiam diversos grupos sociais por conta de suas estreitas ligações com os periódicos, com tiragens muito maiores em comparação a outras obras impressas, pois os jornais eram o principal veículo de comunicação com o grande público.

Para investigar as práticas de leitura, dialogo com conceito e concepções de Roger Chartier (1990; 1995; 1998) à medida que compreendendo que:]

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] Apreendido pela leitura o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores [...] Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por

² SANTOS, Daise Silva dos. *Mais do que ler mil livros: os significados da viagem à Europa na trajetória de Francisco Lins (1911-1917)*. 2020. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1998, p. 77).

Para tanto, na primeira parte deste texto busco recuperar o leitor e seus contextos, em seguida, apresento algumas de suas preferências e representações acerca dos livros, da leitura e dos autores, bem como identifico apropriações desse intelectual evidenciadas na sua escrita. Desse modo, entendo que a importância deste trabalho se concentra no fato de lançar luz sobre esse importante acadêmico já esquecido, busco também contribuir para os estudos dos intelectuais e das práticas letradas.

Francisco Lins: intelectual esquecido

O professor, jornalista e literato Francisco Lins nasceu em 1866 e teve uma infância humilde no interior de Minas Gerais, oriundo de uma família de 18 irmãos, sustentada pelos salários de pais professores. Por conta disso, não concluiu seus estudos de nível superior, contudo, obteve grande destaque como jornalista, tendo sido redator de periódicos como *Jornal do Comércio* e *O Pharol*, entre outros, nos quais publicava crônicas e traduções, algumas assinadas por uma grande variedade de pseudônimos. Como marcas iniciais mantinha sempre suas iniciais “F. L.”, como nos pseudônimos: Fábio Loti, Fábio Laurival, Léo Franck e Lins de França.

Conforme Chalhoub, Neves e Pereira (2005), a adoção de pseudônimos era uma estratégia dos cronistas desde meados do século XIX. Coelho Netto, por exemplo, teria afirmado certa vez que não se tratava de um disfarce ou máscara, mas “uma cuidadosa opção narrativa adotada pelo autor em cada uma de suas séries” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 15) e evidenciava:

[...] a delimitação de um perfil claro para cada um desses narradores, construídos no intuito de abordar questões específicas em diferentes momentos: ‘o pseudônimo adequa-se ao assunto e à preocupação da época’, marcando ‘épocas diferentes, verdadeiros períodos’ da vida literária de um autor, ‘fases diferentes’ do seu “espírito”. Mais do que um escudo, os pseudônimos podiam ser meio de elaboração de personagens-narradores, cujo perfil era construído cuidadosamente ao longo de cada série [...] (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 15-16).

Considero desse modo que a utilização dos diferentes nomes seria uma tática do autor para estabelecer uma diferença entre textos ou definir um perfil para as séries de crônicas que publicava nos jornais. Afinal, o uso de outros nomes não parece ter sido empregado para abordar temas que o obrigariam a “esconder-se”, bem como eram todos de conhecimento público.

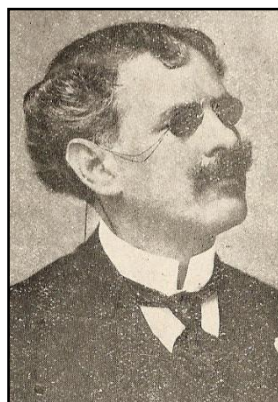


Figura 1 – Fotografia de Francisco Lins – Fonte: LINS, 1910

Na carreira literária, publicou alguns livros de poesia e crônicas, foram eles: *Canções da Aurora* (1886), *Harpas das Selvas* (1887), *Versos* (1898), *Borboletas Negras* (1909), *Uma Campanha pro Hermes-Wenceslau* (1910). Ao lado de intelectuais de Juiz de Fora, onde viveu por longos anos, fundou a Academia Mineira de Letras (AML), que enquanto membro ocupou a cadeira nº. 19, cujo patrono era o Padre Corrêa de Almeida.

Em 1911, teve a primeira oportunidade de realizar uma viagem comissionada pelo governo mineiro à Europa, encarregado de representar o estado na Exposição Internacional de Turim e de conhecer institutos de ensino primário e profissionais na Itália, Bélgica, Suíça, França e Alemanha. Nesta ocasião estudou no Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), recém-fundado por Édouard Claparède, na Suíça. Acabou permanecendo em viagem até o final de 1917, quando retornou ao Brasil por conta das condições que a Europa se encontrava durante a Primeira Guerra Mundial.

De volta ao Brasil assumiu cargos públicos como a reitoria do Externato do Ginásio Mineiro de Barbacena entre 1919 e 1925, como tal ocupou também o Conselho Superior de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais no mesmo período, foi Inspetor Técnico de Ensino e integrou o corpo docente da Escola Normal Oficial de Juiz de Fora desde sua fundação em 1928 até sua morte em 1933. Além disso, participou da elaboração de teses no I Congresso de Instrução Primária em Minas Gerais que aconteceu entre os dias 9 e 16 de maio de 1927. Legitimou-se, portanto, a partir da primeira viagem à Europa a discutir as questões do ensino. Em 1930, mais uma vez comissionado pelo governo mineiro viajou à Europa, nessa ocasião visitou Paris e Genebra, esteve no IJJR e com seus antigos mestres Édouard Claparède e Adolphe Ferrière.

Apesar disso, esse intelectual caiu no esquecimento após a sua morte. Tanto no universo das letras, como a historiografia da educação não se voltaram para esse educador. Atribuo algumas razões a tal apagamento do sujeito, entre elas não ter ganhado muita projeção nacional, tendo uma atuação limitada ao Estado de Minas Gerais. Outro possível motivo seria a doença e, conseqüentemente, morte precoce do educador, em 1933, que não lhe permitiram participar de maiores discussões sobre a Educação Nova que ganharam mais forma e interesse da historiografia da educação nos anos seguintes.

A Academia Mineira de Letras (AML) apresentou algumas vezes seu nome ao rememorar a história da instituição e de seus membros fundadores, contudo, não foi suficiente para que a manutenção de sua memória permanecesse e muito se perdeu com o tempo. Na ausência de arquivos pessoais do intelectual, até mesmo na AML, suas crônicas se tornaram fonte privilegiada deste estudo e onde o intelectual ficou eternizado.

Práticas de leituras do intelectual mineiro

Desde muito cedo Francisco Lins já demonstrava seu gosto pela leitura de jornais franceses. Ao narrar à vida do tio, Waldemar Lins³ afirma que durante a infância, ler sozinho era principal atividade de lazer daquele:

Lia extraordinariamente, em quarto fechado, sozinho. Aberto um cofre de níqueis, seu, esse dinheiro pediu o menino que fosse empregado na assinatura, por um ano, de um jornal de Paris. Tinha, desde essa idade, a mania do idioma francês. A folhinha de seu quarto, de desfolhar, era em francês (LINS, 1933, p. 119).

³ Filho de Antonio Augusto Lins, irmão de Francisco Lins. Escreveu o livro *Homens de Febra*, em 1933, no qual se propõem a abordar “a história de diversos homens de valor real”. Além de Francisco Lins, elegeu outros cinco mineiros para compor suas biografias.

Não é possível precisar como e quando se deu sua alfabetização, quais os primeiros livros que leu, nem como teve acesso a eles, contudo, seus pais, ambos professores primários, foram os prováveis mediadores nesse processo de formação dele como leitor. Apesar de a informação de que Francisco Lins lia jornais desde muito cedo remeter ao suporte dos textos com os quais ele iniciou esse processo, não há indícios suficientes para compreender os aspectos materiais desse suporte na mediação da leitura. Silva (2009), ao estudar a formação de leitores a partir da obra autobiográfica *Infância* de Graciliano Ramos, afirma:

São diversos os elementos que variam no tempo e no espaço e, por se configurarem como protocolos de leitura, determinam o modo como se lê. Há em *Infância* imagens que sugerem modos de se compreender, pelos diferentes suportes dos textos, como leitores podem se tornar mais próximos ou rejeitar a leitura dos livros (SILVA, 2009, p. 18).

Em duas crônicas publicadas no livro *Borboletas Negras*⁴ (1909), Francisco Lins nos dá alguns indícios de suas leituras na infância e juventude: em “A morte de D. João” quando faz críticas ao livro *A morte de D. João* (LINS, 1909) de autoria do português Guerra Junqueiro (1850-1923), publicado em 1874, afirma lembrar que essa obra lhe causou enorme impressão em seus tempos de estudante; e em “Guerra Junqueiro” (LINS, 1909) quando afirma ter recitado muito versos de *A morte de D. João* em sua infância.

Outras práticas de leitura do intelectual são apresentadas de forma mais clara em uma de suas crônicas, com o título “Os livros”, publicada no jornal *Minas Geraes* em 05 de dezembro de 1929. Francisco Lins inicia seu texto indicando seu gosto pela leitura com a afirmativa de que:

Si não existissem os livros, seria preciso inventar-os, contudo faz uma distinção entre livros bons e ruins, dizendo que “infelizmente, é maior o numero dos ruins que o dos bons. Mas, em compensação, o homem tem a liberdade de ler os que quer. Os ruins, a gente póde mandar queimar-o (LINS, 1929, p. 8).

A partir dessa afirmação indica seu gosto pelos clássicos, pois segundo ele havia muitos livros ruins e o pouco tempo que tinha disponível só empregaria “sabendo que o meu espirito vae ganhar alguma cousa” (LINS, 1929, p. 8). Todavia, apresenta como exceção a leitura de livro de amigos que, segundo ele, teria obrigação moral de ler.

A prática de ler os livros de autores amigos era comum entre os intelectuais, como podemos observar na investigação realizada por Venancio (2001) que, ao se debruçar sobre as cartas que agradeciam o recebimento das obras de Oliveira Vianna, nota a existência de uma *comunidade de leitores*: Era através de suas próprias leituras e do estabelecimento de uma rede de leitores, em que se davam as trocas de livros e as informações e comentários sobre novos títulos, que se concretizava a ‘*inspiração*’ para o desenvolvimento de seu trabalho intelectual” (VENANCIO, 2001, p. 33).

Assim, como Oliveira Viana, aqueles que integravam a rede de sociabilidade intelectual de Francisco Lins, provavelmente lhe enviavam seus livros para que o autor desse sua opinião e até divulgasse sua obra. Uma dessas ocasiões ficou registrada em sua publicação na coluna “Cartas da Roça”⁵, em abril de 1893, quando afirmou ter recebido de Heitor Guimarães um exemplar de seu livro de contos *Multicores* e uma coleção da revista literária *Folha Azul*, que

⁴ Neste livro foram reunidas, sem modificações, crônicas de Francisco Lins anteriormente publicadas em sua coluna “O Dia”, no *Jornal de Juiz de Fora*.

⁵ Coluna em que foram publicadas cartas de Francisco Lins aos leitores do jornal *O Pharol*, entre setembro de 1891 a abril de 1893.

dirigia no Rio de Janeiro (LINS, 1893, p. 1). Ao longo de todo o texto, tecia muitos elogios a Heitor Guimarães e às obras por ele enviadas.

Ainda na crônica “Os livros” quando Francisco Lins, quando afirma sua preferência pelos clássicos, destaca como autores: Antonio Vieira (1608-1697), Manoel Bernardes (1644-1710), Luiz de Sousa (1555-1632), Amador Arrais (1530-1600), Alexandre Herculano (1810-1877) e Luiz de Camões (1524-1580). É interessante notar que os escritores citados eram todos europeus, não-contemporâneos de Francisco Lins e em grande parte religiosos.

A França exercia enorme fascínio no intelectual mineiro que sonhava em conhecer o país. Em uma de suas crônicas aponta o francês entre as línguas que considera que deveriam ser estudadas e justifica:

[...] o francez, por ser a mais perfeita, a mais elegante, a mais clara, e, com o inglez, a mais *disseminada*. Não há um livro notável em allemão, italiano, inglez ou russo, que não se encontre em francez. **A litteratera franceza é riquíssima, incomparavel, sem duvida, e a ninguem é licito desconhece-la** (LINS, 1909, p. 54, grifos nosso).

Sua preferência pela literatura francesa fica evidente mais uma vez na crônica “Os Livros”: “Gosto muito dos francezes Rabelais, Moliére, La Fontaine, La Bruyére, Mme. De Sevigné, etc. Muitissimo de Anatole France, que não é um antigo, mas encanta” (LINS, 1929, p. 08). Desses, a escritora francesa Maria de Rabutin-Chantal (1626-1696), a marquesa de Sévigné, foi a única mulher citada e apenas Jacques Anatole François Thibault (1844-1924), com pseudônimo Anatole France, é contemporâneo de Francisco Lins, que afirma que o encanta apesar de não ser antigo e que possui os quatro volumes de sua obra “Vida Literária”.

Anatole France recebeu destaque nesta mesma crônica quando o mineiro faz referência ao primeiro volume de “Vida Literária” para falar sobre o amor aos livros:

No primeiro, fala o delicado critico justamente do amor que os livros nos inspiram. Em certos homens essa paixão é forte, que não poderiam passar uma hora, um minuto privados do convívio de tão excellentes amigos. [...] Eis até aonde o amor dos livros póde levar um homem. Que seducção exercem sobre certos espíritos! (LINS, 1929, p. 8).

Continua, interrogando-se acerca da felicidade de quem vive a adorar os livros tão apaixonadamente e, conclui, também a partir de Anatole France que, alguns sim e outros não, pois, segundo ele, há “diferentes espíritos”:

Uns procuram apenas a distracção nos livros e, si a encontram, são felizes. Nelles procuram outros a explicação dos segredos da vida, acreditando que os philosophos são capazes de os desvendar. Andam sempre pesquisando, e seu espírito nunca chega ao repouso. Si os livros asseguram a paz aos pacificos, seriamente perturbam os que têm a alma inquieta. Estes fazem mal, mergulhando-se na delicia da leitura (LINS, 1929, p. 8).

Neste trecho Lins marca uma diferença entre os que buscam distrair-se com a leitura, esse felizes e em paz, e os que buscavam explicações, que se mantêm perturbados e a leitura os faz mal. Essas considerações foram apropriações que o autor fez da leitura de Anatole France e que já havia lhe servido de referência anteriormente para falar das letras e dos literatos contemporâneos.

Na crônica “Os velhos livros”, publicada em *Borboletas Negras*, o intelectual já havia citado Anatole France quando este afirma que ignora completamente a literatura contemporânea:

Satisfazel-o, impossível, disse o grande mestre. As letras, os literatos contemporaneos, **ignoro-os completamente**. Ha dez annos, leio apenas as obras antigas, não tendo a menor curiosidade de conhecer as modernas. E creio que não ando mal, assim procedendo. De longe em longe, me chegam noticias vagas do que têm feito os nossos jovens escritores. Taes noticias, por mais de um motivo delles ainda me afastam. E que poderia eu ganhar, com esses espíritos, me relacionando, atravancando-me a carola com as licções dos seus poemas, com as peripecias dos seus romances? Dizem-me que **nada de valor têm elles conseguido offerecer ao público**... Assisadamente me conduzo, portanto. Hoje, as minhas leituras são sciencias, ou historia, os costumes. **Leio para aprender, não para divertir-me**. E quando quero divertir-me, tomo Rabelais... (FRANCE *apud* LINS 1909, p. 67-68, grifos nosso).

Francisco Lins diz que nessas palavras do escritor francês encontram-se preciosas lições, considerando, portanto, que não lê para se distrair e que os leitores contemporâneos nada teriam para lhe oferecer em termos de conhecimento. Finaliza a crônica reafirmando sua preferência pelos clássicos mais antigos: “Quem não pode prescindir da boa leitura, portanto, neste paiz, não tem remédio sinão tornar ao passado, indo pedir a Alexandre Herculano, a Antonio Vieira, a Castilho, a frei Luiz de Souza, o delicioso alimento do espírito” (LINS, 1909, p. 69).

Assim, essas crônicas comportam representações acerca dos livros, da leitura e dos autores na escrita desse intelectual. Segundo Chartier (1990), as representações sociais são “esquemas intelectuais múltiplos construídos por diferentes grupos” criando figuras que permitem atribuição de sentido ao presente, inteligibilidade ao outro e decifração do espaço (CHARTIER, 1990, p. 17). Isso porque as percepções do real não são neutras, elas produzem estratégias e práticas que se impõe aos outros de modo a legitimar projetos ou justificar, aos próprios indivíduos, suas escolhas e modos de operar, são constituídas pelos grupos que as criam e estão sempre em disputa, pois todas aspiram à hegemonia. Chartier (1990) afirma que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Do mesmo modo, as crônicas de Francisco Lins evidenciam também as apropriações em relação aos textos por ele lidos. Conforme Chartier (1995, p. 184), os sentidos e as interpretações dos leitores não estão inscritos apenas nos objetos culturais e nas intenções da produção editorial, a apropriação está relacionada às condições individuais que podem até mesmo levar o leitor a subverter o seu sentido inicial. São várias as crônicas em que Francisco Lins faz referência a escritores que costumava ler, e mesmo quando não os citava, possivelmente, seus pensamentos eram marcados pelos sentidos e interpretações que fez dessas leituras.

Considerações finais

Neste trabalho foi possível compreender que a leitura esteve presente na vida de Francisco Lins desde cedo e identificar os gostos particulares que o intelectual nutria pelos clássicos, em especial produzidos por autores franceses. Estes estiveram presentes na sua escrita, à medida que ele se apropriava da ideia desses autores na produção de suas crônicas. Percebemos também que este autor compreendia a leitura como forma de aprendizado e não apenas de distração.

A partir disso, considero que a afirmação de Francisco Lins, na qual priorizava as viagens em detrimento dos livros, citada no início deste artigo, provavelmente, foi apenas uma estratégia retórica para enfatizar sua experiência e se legitimar diante dos seus contemporâneos como um especialista do ensino. Além do que, escrevia sobre isso em 1930, no momento em que retornava à Europa. Se, conforme Carvalho (2018, p. 309),

O prazer de ler tem relação com a lembrança de outros textos e de outras leituras, que se juntam e penetram na leitura atual, imprimindo um significado para aquele que lê, que se apropria daquilo que foi lido de forma única. Um mesmo texto pode ter diferentes compreensões, e não só para diferentes leitores, mas para diferentes momentos da vida de um mesmo leitor.

Da mesma maneira, a nova viagem era como na releitura de um bom livro, como tal, possuía um novo significado, mas relacionado às lembranças que carregava do período em que realizou o sonho de conhecer à Europa.

Referências

CARVALHO, Michele Ribeiro de. Érico Veríssimo e o prazer da leitura em sua autobiografia. *Linha Mestra*, Campinas, n. 36, p. 308-310, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/117>. Acesso em: 11 out. 2021.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In.: CHALHOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. (Org.). *História em cousas miúdas*: capítulo de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2005. p. 11-22.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em: 11 out. 2021.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LINS, Francisco. Cartas da Roça. *O Pharol*, 04 de abril de 1893, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 21 out. 2021.

LINS, Francisco. *Borboletas negras*. Juiz de Fora: Typographia Brazil, 1909.

LINS, Francisco. *Uma campanha pro Hermes-Wenceslau*. Belo Horizonte: Typ. Do Diario de Minas, 1910.

LINS, Francisco. Os livros, *Minas Geraes*, 05 de dezembro de 1929, p. 8.

LINS, Francisco. Uma grande cidade, *Minas Geraes*, 26 de fevereiro de 1930, p. 4.

LINS, Waldemar. *Homens de febra*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

Sobre a autora

Daise Silva dos Santos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ), graduada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: daisesilva90@hotmail.com.